

A coerência dos fenómenos convergentes em Teilhard de Chardin

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.

VER¹

As Linhas de Força do Presente

«Ver. Pode dizer-se que toda a vida consiste nisto. Se não finalmente, pelo menos essencialmente». «Ver» é o Prólogo do «Fenómeno Humano», e não só nos títulos do livro, mas, sobretudo, na realidade: a vida humana é essencialmente Ver e Prever, como característica da reflexão, para, finalmente, se unir. «Ser mais é unir-se mais: tais serão o resumo e a conclusão desta obra (O Fenómeno Humano). Mas, como veremos, a unidade não aumenta senão sustentada por um acréscimo de Visão»². Se a actividade humana por excelência é Ver, é necessário, para ser fiel a si mesmo «ver as coisas como elas são, realmente e intensamente». E desde logo com um primeiro cuidado: «se queremos viver... temos que superar essa insensibilidade que tende a esconder-nos as coisas à medida que elas se tornam demasiado próximas e demasiado grandes»³. Isto é: importa «Ver» e «fazer ver». E nós tentaremos seguir os passos de Teilhard na sua Visão do Universo e no seu pensamento do qual nos diz: «não se exprime numa metafísica, mas numa espécie de fenomenologia»⁴, este Ver e mostrar o Real pelo que aparece: uma espécie de sensibilidade e captação do que aparece e depois se explica. Teilhard deixou esta definição de filosofia: «*Filosofar é organizar as linhas de realidade em volta de nós*»⁵. E no início de «O Lugar do Homem na Natureza», apresenta-nos o programa: «tentarei mostrar como é possível, olhando as coisas de suficientemente alto (primeira condição), ver as desordens de pormenor com que nos sentimos perdidos *fundirem-se numa vasta operação orgânica e dirigida*, onde cada um de nós tem o seu lugar, atómico, sem dúvida, mas único e insubstituível: — O Homem dando o seu sentido à História; — «O Homem, único parâmetro absoluto da evolução»⁶.

Comecemos então o nosso olhar para o Real que nos rodeia e penetra. Importa ver primeiro as suas Propriedades, depois as grandes Leis por que se rege, e, finalmente estudar os conflitos que se apresentam para prospectar soluções.

As 'Propriedades' «não constituem para nós um Objecto especial (aquilo que o nosso conhecimento busca), mas são uma *condição geral de conhecimento*». Teilhard dá-lhes esse nome dizendo: «aquilo que aparece primeiro numa filosofia é um conjunto coerente de relações harmonizadas. Mas esse conjunto nunca se estabelece senão por um Universo concebido intuitivamente com certas propriedades determinadas». E adverte ainda: «Se mudam as 'propriedades' toda a filosofia terá que se reajustar. A inteligência está cheia destas mutações, que não são tanto mudança de ideias, mas do espaço em que elas se constituem»⁷. Se se entende isto perde-se o medo à mudança; e entende-se até que mudar implica, coerentemente, mudar todo o espaço: pois nada é indiferente, no conjunto, às variações mais particulares. O nosso mal é, muitas vezes, não ter coragem para todas as consequências daquilo que no particular já admitimos.

Quais são essas 'propriedades'? (Se elas mudam, toda a filosofia será afectada)

a. a 'universalidade' da Vida que importa Ver:

¹ «Ver» é 1º capítulo deste artigo da autoria do Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j., publicado na Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo XXVIII, Fasc. 3, Julho-Setembro, 1972

² T. I, p. 25

³ T. IV, pp. 57, 59.

⁴ T. de C, *Ma position intellectuelle*, (ref. bibl. no texto).

⁵ T. V, p. 78

⁶ T. VIII, p. 21

⁷ T. V, p. 79

— «Deixar de olhar a *vida* como um epifenómeno, mas *olhá-la à grande escala*. Não como uma anomalia, mas a essência mesma do Fenómeno»;— «Importa *ligá-la 'íntima e estruturalmente'* ao enorme euniversal fenómeno da complexificação da Matéria»; — «Olhar a Vida como *em Pressão por toda a parte*» (...) ⁸.

b. a *Evolução e a Duração*, estas, são as propriedades que constituem a Visão fundamental: «a vida, uma vez aparecida é incapaz de não utilizar todas as oportunidades e todos os meios para chegar ao extremo de tudo o que pode atingir, exteriormente, de Complexidade e, interiormente, de Consciência; —O Mundo algo que se arranja; — O Homem, *aquilo sobre que e em que se enrola o Universo*» ⁹.

Para Teilhard a Evolução já não é uma mera hipótese, mas Condição que afecta tudo, para que tudo possa ser pensável e Verdadeiro.

E, simultaneamente, «o que faz e classifica um homem de 'moderno' (e neste sentido uma multidão dos nossos contemporâneos não são ainda modernos) é ter-se tornado *capaz de ver*, não somente no Espaço, não somente no Tempo, mas na Duração; ou, o que é o mesmo, no Espaço-Tempo biológico. E é achar-se incapaz de ver alguma coisa de outro modo — nada — a começar por si mesmo» ¹⁰.

Ver a realidade da Evolução é tanto mais importante quanto «a alma dessa Evolução, hoje, é o nosso espírito de investigação e de conquista», pois já não estamos a fazer só ciência, mas, simultaneamente, encontramos-nos no campo moral. Teilhard acrescenta que «quando a natureza chega ao homem adquire um carácter moral». Isto é: a Evolução tomou-se um problema moral, vamos ter de nos comprometer, e é possível afirmar e adquirir a certeza moral desta evolução. Se o fluxo da evolução corresponde a uma subida na linha da consciência, «na nossa consciência, em cada um de nós, é a Evolução que se descobre a si mesma, reflectindo-se» ¹¹.

Destas 'propriedades' mais dinâmicas se deixa já entrever uma dualidade na constituição de toda a realidade. É o que Teilhard chama:

c. o *Dentro e o Fora* das coisas. Coexistentivo com o fora das coisas impõe-se-nos uma Interioridade. Não podemos duvidar porque «no fundo de nós mesmos, sem discussão possível, apareço um interior... E isto é suficiente para que, num grau maior ou menor, este 'interior' se imponha como existindo por toda a parte o desde sempre» ¹². O facto é que a própria exterioridade das coisas a que estamos tão habituados seria impensável sem um Dentro.

O Dentro é uma condição de inteligibilidade, mas podemos ver mais alguma coisa nesta face interna 'consciente' que acompanha sempre e necessariamente a face externa 'material' ? Antes de mais lembremos que olhando a vida à grande escala, «para uma perspectiva coerente do Mundo a vida supõe inevitavelmente e a perder de vista para trás dela, a Pré-vida» ¹³: eis que aqui se esconde um crescimento. Mas como vê Teilhard esta «face interna inseparável», que entende por 'consciente'?

Colocando-se «do ponto de vista fenomenal» (o da ciência), «cujo fim é apenas Ver — e não explicar», procura «estabelecer na Natureza uma cadeia de sucessão experimental e não uma ligação de causalidade 'ontológica'», de modo que as suas observações só tomarão o seu verdadeiro valor se tivermos o cuidado de as manter encadeadas: — «Por razões de homogeneidade e continuidade, adivinhamos a pré-vida participando da estrutura e propriedades corpusculares do Mundo... O Atomismo é uma propriedade comum ao Dentro e ao Fora das Coisas» ¹⁴. Isto é: olhando o Estofa do Universo o mais remotamente possível no passado vemos que tanto por dentro como por fora tende a dissolver-se numa poeira de partículas: «perfeitamente semelhantes entre si (pelo menos a grande distância); co-

⁸ T. VIII, pp. 27, 128 e 50

⁹ Idem, p. 50

¹⁰ T. I, pp.242 e 2413

¹¹ Idem, pp. 245, 246 e 248

¹² T. I, p. 52

¹³ Idem, p. 53

¹⁴ Idem, pp. 54, 55 e 56

extensivas cada uma à totalidade do domínio cósmico; e misteriosamente ligadas entre si por uma Energia de Conjunto». Mais: as duas faces correspondem-se de tal forma que passamos de uma para outra apenas pela substituição de «inter-acção» por «consciência» na definição dos centros parciais do Universo.

«O termo 'Consciência' é tomado na sua acepção mais geral para designar toda a espécie de psiquismo, desde as formas mais rudimentares que se possam conceber de percepção interior até ao fenómeno humano de conhecimento reflexo»¹⁵. A Consciência deve ser vista como propriedade cósmica de grandeza variável, cujos termos inferiores se perdem na noite...

Consciência, Dentro e Espontaneidade serão três expressões de uma mesma realidade. A uma consciência mais desenvolvida corresponderá um edifício mais rico e melhor organizado, variando na razão inversa da simplicidade do composto material que «dobra»: «Perfeição espiritual (ou 'centração' consciente) e síntese material (ou complexidade) não são mais que duas faces ou partes ligadas dum mesmo fenómeno»¹⁶.

Numa comparação, cada ser é visto como uma elipse que se constrói sobre dois focos conjugados que variam solidariamente no mesmo sentido. Um Foco de organização material e um Foco de centração psíquica. E nos estados do Universo de elementos muito numerosos, os centros de consciência — inúmeros e desligados — submetem-se às leis estatísticas, manifestando-se apenas por efeitos de conjunto. (É o domínio da Físico-Química). Mas pouco a pouco os elementos menos numerosos, mais individualizados, vão escapando à Lei dos Grandes Números, e transparece a sua espontaneidade, não mensurável, e podemos segui-los no mundo da Biologia.

Mas em que espaço se situa toda esta visão ?

d. É outra 'Propriedade' que é preciso ver: que o Mundo está espacialmente edificado sobre 3 *Infinitos*. Já não nos basta a concepção vulgar que se move entre um Infinitamente Pequeno e um Infinitamente Grande, mas exige-se uma terceira dimensão, que aliás é a interioridade e ligação das outras duas: o *Infinitamente Complexo* com o seu efeito próprio, a Vida.

Depois do *ínfimo*, caracterizado pelos seus efeitos próprios — «os Quanta» —, e do *Imenso* caracterizado pela «Relatividade», vem o *Imensamente Complexo* que tal como o Imenso está enraizado no ínfimo mas diverge seguindo a sua própria direcção com seu efeito específico — a vida — com duas séries de propriedades únicas: — as externas (assimilação, reprodução...) e as internas (interiorização, psiquismo)¹⁷.

E, mais uma vez, temos a visão da Vida não como anomalia sem ligação com o resto da Física, mas, como sugere a curva de corpusculização para a experiência científica, um efeito da Matéria Complexificada — propriedade co-extensiva a todo o Estofa Cósmico, mas para nós só perceptível a partir de certo valor crítico. Então, materialismo! Ou visão alargada do espiritualismo que não se contenta em dizer que é excepção mas tem a coragem de ir buscar o fundamento da excepção que vemos na unidade da «Matéria» de dupla face, num dinamismo de complexificação? (ou não fosse a vida a comunicação de um só acto criador...).

Chegados a este ponto estaríamos prontos para buscar as Leis deste dinamismo de complexificação — escondido — estendido a todo o universo.

Ora a primeira lei seria esta que provém da própria visão dinâmica e alargada, a tal ponto que essa lei é ainda uma 'propriedade', condição do nosso conhecimento, lei da nossa visão (fundada na própria maneira de ser do Real) e portanto *lei* que rege as outras leis.

e. Lei Geral de Recorrência: tudo o que se verifica em qualquer parte do Universo acerca de qualquer fenómeno, se verifica também, ainda que de modo diferente, de todos os outros fenómenos, em qualquer tempo, em qualquer espaço, e assim se repete periodicamente.

¹⁵ Idem, p. 53, nota 1

¹⁶ Idem, p. 56

¹⁷ T. VIII, pp. 33 e 34

Alguns dirão que não é mais do que aquilo a que os Escolásticos chamaram Analogia. A verdade é que esta é Condição de possibilidade de conhecer, condição prévia para Ver. Nós pensamos e conhecemos «recorrendo»¹⁸.

Que significado tem esta lei? No início do «Ensaio de uma Dialéctica da União» pode ler-se: «invencivelmente, apesar de todas as objecções teóricas que procuram desencorajá-lo, o nosso espírito permanece convencido que, subjacente à multidão avassaladora dos acontecimentos e dos seres, *uma certa regra fundamental*, muito simples, se dissimula. E cuja descoberta e formulação tornariam o Universo inteligível na totalidade do seu desenvolvimento»¹⁹. É uma obstinação instintiva, tão antiga como o homem, buscar o Uno no Múltiplo. E acrescenta: é a própria persistência dessa obstinação, na continuidade de Aristóteles, Espinosa, Leibniz, Hegel, Spencer... que indica ser possível encontrar essa Regra. Com uma vantagem para Teilhard (e para nós), não por ser melhor que esses seus antepassados, mas pela posição privilegiada de quem é levado aos ombros deles, «porté sur les épaules», e que lhe permite Ver de mais alto e até criticar a sua herança incalculável. «Eis a razão por que me atrevo a apresentar sob a forma de proposições (ou leis) encadeadas, um ensaio de explicação universal: não uma síntese 'a priori', geométrica, a partir de uma dada definição de 'ser', mas Lei de Recorrência Experimental, verificável no campo fenomenal, e convenientemente extrapolável à totalidade do Espaço-Tempo. Não uma metafísica abstracta, mas uma Ultrafísica realista da União»²⁰.

Audacioso objectivo! Mas vejamos essas «4 Grandes Leis» desta Ultrafísica, sem esquecer que são também de recorrência, extrapoláveis à totalidade do Espaço-Tempo.

1) A Lei de *Complexidade-Consciência*. É o «eixo e guia de toda a obra», «o eixo principal de crescimento e direcção», tal como lhe chama em O Lugar do Homem na Natureza: eixo principal de enrolamento cósmico, parâmetro de evolução²¹. E é por ela, por esta realidade, que a Recorrência se impõe ao nosso olhar.

Aparece ainda com outros nomes: Lei de complexidade-consciência²² ou Coeficiente de centro-complexidade²³. Coeficiente que «só ele pode fundar uma classificação verdadeiramente natural dos elementos do Universo. Só ele é a verdadeira medida absoluta do Ser nos seres que nos rodeiam», pois, como vimos, a um aumento de complexidade e organização corresponde um aumento proporcional de consciência, de eentração (de alma).

Como os nomes mostram, são muitos os caminhos para esta lei. Em 'Science et Christ ou Analyse et Synthèse', pelo «processo de análise» encontramos a «lei de hierarquia e de complicação crescente na unidade»²⁴.

Resumindo: encontramos aqui o fio condutor que nos guiará através da multiplicidade e, depois, colocará diante de um novo e importantíssimo problema: o da existência e da necessidade (ou não) de um Foco de síntese universal, pois um dinamismo não se pode entender sem finalidade. Esta disposição de crescimento, complexificante, hierárquica, que agora vemos no universo não pode ser expressão de um equilíbrio estático. Mas em tudo se revela um movimento que não 'apesar-de', mas por 'exigênciade' todos os dualismos que nos surgem (sejam as energias Radial e Tangencial, os movimentos Para-cima e Paradiante, ou os sucessivos momentos do desenvolvimento cósmico, divergência-convergência, pedindo 'conciliação' num terceiro momento — emergência), se chegará à conclusão de que «só há uma interpretação possível: um mundo que converge»²⁵. Esta é a segunda lei:

2) *lei de Convergência*. Um sistema de tensões não pode ser arbitrário, para-nada, se nele se verifica um dinamismo de centro-complexidade. Se o Universo representa um

¹⁸ T. III, pp. 318-321 e cfr. *Ma position intellectuelle*: nota 6

¹⁹ T. VIII, p. 105

²⁰ Idem, pp. 105, 106; e cfr. T. V, pp. 116, 143 e 227 / T. VI p. 73 / T. IX, pp. 74 e 81 / E. T. G., p. 180.

²¹ T. VIII, pp. 67, 70

²² Idem, pp. 58, 142

²³ Idem, p. 107

²⁴ T. IX, p. 156

²⁵ T. VIII, p. 144

sistema em via de centro-complexificação interna é convergente. «A evolução não corresponde exactamente, como dizia Spencer, à sua passagem do homogéneo ao heterogéneo, mas à passagem de um heterogéneo disperso (desunido) a um heterogéneo organizado (unificado)» pela convergência ²⁶.

«Tudo o que sobe converge» ²⁷ é o resumo de uma visão por tantas formas repetida e explorada na sua obra. Visão «optimista» de um Mundo com sentido. Mas se temos aqui o critério das passagens a uma maior unidade, também vemos que nem tudo nos é dado ver neste movimento cósmico.

3) A lei da *Perspectiva cósmica*: «É impossível captar o verdadeiro começo de alguma coisa» ²⁸. Os verdadeiros começos escapam a toda a experiência directa. Esta estranha lei surge-nos como uma fatalidade barrando-nos o caminho quando tentamos reconstruir o passado que parece ter o cuidado de 'apagar' precisa mente o que mais interessaria: os começos e as passagens ²⁹. Por exemplo: a origem de uma intuição ou de uma ideia, da língua de um povo, a origem, a fortiori, de uma espécie ou 'folha* zoológica... escapa. Escapam-nos por natureza as origens humanas. Mas isto não é uma falha, é o nosso modo mesmo de ser, de nascer: «Em que consiste o corpo humano?» ³⁰. O nosso corpo — pensemos na interdependência, nas interligações — onde (e quando) começa e acaba?

Uma coisa é certa, somos. E o movimento está lançado.

Para onde, que fim ?

4) Lei da *Irreversibilidade*: a subida convergente, o «Processus» é irreversível.

A questão vem da preocupação de saber (ver) onde nos levam as linhas de força do presente, mas a resposta só nos pode ser dada pela pre-visão. Mais, é a nossa real capacidade de Prever que nos revela e garante a realidade desta lei.

A irreversibilidade do processo cósmico afirma-se na medida em que o nosso ser se manifesta (e é) abertura ao futuro.

Diremos adiante mais qualquer coisa. Agora, como última questão para Ver devemos ainda dirigir o olhar para os «conflitos» que a realidade apresenta à nossa volta e, como «filósofos», queremos organizar.

A solução dos conflitos.

Talvez devêssemos ter começado por aqui, pela linearidade, por vezes enganosa, com que se formula uma lei. De facto a resposta a estes conflitos está na base ou é paralela às 4 Leis Cósmicas.

O primeiro conflito que se põe é saber se o universo é Estático ou Dinâmico; estaremos numa paragem — está tudo feito — ou a realidade é dinamismo a continuar? As linhas de força que vimos já apontando a solução: «com os olhos bem abertos... o universo não pode mais ser entendido como uma *ordem*, mas como um *Processus*, não como um Cosmos mas uma *Cosmogénese*» ³¹. E se é processus, onde? para quê? (2.º conflito). Se queremos avançar, nós mesmos temos de entrar no processus e mais urgente se torna Ver-cómo. Mais concretamente, o homem vive entre dois ideais (o do céu e o da terra), uma atracção e uma libertação; ora não basta ver que somos um *Processus*, que há uma lei de crescimento, mas importa ver onde vai, como se dá, como

conciliar a Convergência que vemos e pressentimos com as tensões ou os «começos» que a experiência nos não dá?

²⁶ T. VII, p. 109

²⁷ T. V, p. 242 e Cahier T. C. n.º 2, p. 7

²⁸ T. VIII, p. 93

²⁹ Cfr. *Idem*, pp. 42 e 55.

³⁰ T. IX, p. 33

³¹ T. V, p. 341

Resolver os conflitos, para Teilhard, é «fazer ver onde... e como...»³². E quem não se pergunta pelas perspectivas do futuro?

a. *Para Cima ou Para Diante?* Procurando ver «au Coeur du Problème», Teilhard busca a solução entre fé e ciência numa síntese libertadora, pois não se trata de escolher entre duas 'tentativas' radicais — avançamos «só para cima» ou «só para diante» —, nem dum compromisso fácil entre céu e terra, — mas de «tirar a resultante, já que vejo claramente que ambas as forças são reais». E terá de haver solução sem rejeitar nenhuma delas, «menos que a alma humana esteja mal feita e seja contraditória nas suas aspirações»³³.

Eis o nosso método, tirar a resultante. E mais que conciliar, descobrir a harmonia em desenvolvimento, a cosmo-gênese. As forças que Vemos, por contraditórias que pareçam, devem 'resultar' e sair reforçadas uma pela outra: duas formas de libertação para uma libertação maior que vem da união. Aliás Libertação quer dizer «dom a um maior que si mesmo»⁴⁸.

6. *Energia Radial ou Tangencial?* Por toda a parte vemos dois tipos de forças em acção. Umas, mais interiores, mais responsáveis pela complexificação das coisas pelo Dentro. Outras, mais espaciais, e directamente observáveis nos fenómenos físico-químicos, enquanto que as primeiras só são perceptíveis nos seres organizados. Mas ambas crescendo em cada ser e no universo.

No 'Fenómeno Humano' começa-se por falar de uma Energia espiritual e outra material. Com simplicidade se reconhece a sua *interacção*: «para pensar é preciso comer»; mas também a sua *independência*: «quantos pensamentos diversos pelo mesmo bocado de pão!» Note-se não só a riqueza mas a quantidade: esta bastaria para provar a independência e para rejeitar a ideia simplista de uma transformação directa de energia material em espiritual (física em psíquica) e tirar-nos as veleidades de encontrar um «equivalente mecânico» da Vontade e do Pensamento³⁴.

Então, se a solução das duas energias não está numa consequência, nem num «impossível dualismo de fundo», «nós admitiremos que toda a energia é de natureza psíquica». (Eis a solução). «Mas em cada elemento dividida em duas componentes: a Energia Tangencial (que torna o ser solidário dos elementos da mesma ordem) e Energia Radial (que o atrai na direcção de um estado mais complexo e mais centrado, para a frente)»³⁵.

c. E por último o conflito: *Entropia ou Vida?*

As energias tangenciais estão mais comprometidas com o ínfimo e o Imenso e nelas distinguimos as forças de Expansão pelas quais o universo se expande e desenvolve e, depois, a *Entro-pia*, a degradação de energia, tendência para um equilíbrio de desordem em que as forças mutuamente se anulam — estado de mínima informação e máxima probabilidade: dispersão e morte. Por outro lado, está também em acção a complexidade-consciência, a energia mais comprometida com o 3.º Infinito, responsável pela Vida³⁶.

Depois de atingida uma certa perfeição e complexidade — de crescimento ou de estrutura — própria para cada ordem dos seres, parece que as forças de destruição acabam por impor-se e não há mais que render-se-lhes. Para cada ordem se sobe do in-arranjado até ao seu máximo de arrançamento, para depois entrar em decadência. Mas, quando na evolução se chega ao homem, este não pode admitir em si mesmo este desfecho absoluto, sob pena de tudo perder o sentido e tudo se tornar contraditório: pelo «Passo da Reflexão» (passagem ao ser capaz de reflectir e reflectir-se) atinge-se a «incrível capacidade de prever», como diz Teilhard, pela qual o homem se ultrapassa e não pode voltar atrás (até porque já vai à frente de si mesmo). É uma exigência interior que garante a irreversibilidade — a menos que o homem esteja mal feito — e dá novo rumo à curva da vida: algo nela se

³² Idem, p. 340

³³ T. V, pp. 344, 346

³⁴ T. I, pp. 60, 61

³⁵ T. I, pp. 62, 265

³⁶ T. VII, pp. 46 e 47

liberta e ao chegar ao ponto crítico a curva divide-se: parte inflecte e continua a ascensão, só o resto se degrada.

«A consciência desenvolvendo-se (conforme às exigências da Termodinâmica) em função da Entropia, escapa à 'desorganização' por efeito específico da Reflexão, quer como uma Energia à parte, 'de segunda espécie'; quer como uma fracção interiorizada da Energia comum. Isto é: para cobrir inteiramente a economia evolutiva do Universo (vida inclusa), um terceiro princípio, o da *Reflexão de Energia*, deve ser acrescentado e associado aos já admitidos da *Conservação e Degradação de Energia*»³⁷.

Esta é a continuidade do Processus e aquilo que é preciso ver. No homem, chegado à Reflexão, «a Evolução ao mesmo tempo que se torna, simultaneamente self-consciente e (pelo menos axialmente) self-operante, torna-se automaticamente *previsora do seu futuro*»³⁸.

³⁷ T. VII, pp. 345 a 352 e 353

³⁸ Idem, p. 348